

A psicanálise entre Dionísio e Apolo*

João Francisco Neves

- Nota Prévia -

O pensamento psicanalítico nos ensinou que falamos sempre a partir de um profundo não-saber. E quando um saber emerge, na forma de palavras, elas nunca são neutras: expressam o *pathos* de nossas mais remotas e recentes inquietações; falam sobre os mais intangíveis desejos. Não obstante, falamos, escrevemos e com isso não cessamos de assumir confrontos com outras idéias e outros discursos. E também não paramos de assumir compromissos com novos mundos que inventamos ou desejamos inventar a partir de nossos ditos e escritos.(BRUNO,2004, p. 1).

“Quando eu morrer, morre comigo um certo modo de ver”.

(ANDRADE, 1967, p. 179).

- 1) não há nada;
- 2) se houvesse algo, não poderia conhecê-lo;
- 3) se houvesse algo e se este algo fosse cognoscível, ninguém poderia ser utilmente informado disto.¹

(ROSSET, 1989, p. 63)

1. GÓRGIAS. *Tratado do não ser*. Resumido por Clément Rosset – *O princípio da crueldade*. p.63.

* Texto apresentado em conferência de abertura da IV Jornada do Phorus *i.p.*, 2006

“Existir equivale a um protesto contra a verdade.”²

(ROSSET, 1989, p. 24)

“Os homens são fortes enquanto representam uma idéia forte; se enfraquecem quando se opõem a ela.”

(FREUD, 1974, v.14. p. 82).

“Que me é permitido esperar?”

(KANT, 1974)

2. Resumo a partir de Cioran, *A tentação de existir*. Apud Clément Rosset - *O princípio da crueldade*. p. 24.

A psicanálise entre Dionísio e Apolo³

“La théorie, c’ est bon, mais ça n’empêche pas d’ exister.”

(Frase atribuída a Charcot apud Freud)

I – Preâmbulo

Na minha trajetória como analista sempre tive como objetivos uma:

3. Talvez para melhor entender os meus objetivos seja importante ter uma noção, ainda que sucinta, sobre estas figuras mitológicas tão carregadas de símbolos. **Apolo**: “É quando Platão enuncia os deveres do verdadeiro legislador, é a Apolo que ele aconselha que se pergunte quais as leis fundamentais da República: cabe a Apolo, o Deus de Delfos, ditar as mais importantes, as mais belas, as leis primordiais.” (CHEVALIER, 1998, p. 66). Ainda com relação a **Apolo** ninguém melhor que resumiu as características deste deus que, como nenhum outro, traduz a harmonia do ideal grego, pois: “a imagem de Apolo como “aquele que de longe asseteia”, manifesta uma idéia única. Seu conteúdo não pertence ao domínio elementar das necessidades vitais [...]. Aqui, é uma força espiritual que faz ouvir a sua voz. Ela é suficientemente dotada de sentido para dar forma a toda uma humanidade. Ela anuncia a presença do divino, não nos prodígios de uma força sobrenatural, nem na severidade de uma justiça absoluta, nem na solicitude de um amor infinito, mas no esplendor vitorioso da claridade, em um reino pleno de sentido, de ordem e de justa medida. Luz e forma são objetivo ao qual correspondem, do lado do sujeito, a distância e a liberdade. É nesse aspecto que Apolo se manifesta no mundo dos homens. Sua divindade aí exprime, clara, livre, luminosa e penetrante”. (W.F. Otto, *Lês Dieux de la Grèce*, trad. de C.N. Gribert e A. Morgant, Payot, Paris, 1984, p. 97-98. In: CABRAL, Luiz Alberto Machado. *O hino homérico a Apolo*. p. 19)

Dionísio: “Divindade cuja significação é abusivamente simplificada quando se faz dela o símbolo do entusiasmo e dos desejos amorosos. A complexidade infinita do personagem de Dionísio, o jovem deus, ou o deus nascido duas vezes, se traduz na multiplicidade de nomes que lhe foram dados, dos quais os primeiros, verdade seja dita, como o Delirante, o Murmurante, o Fremente, derivam dos clamores orgiástico.” (CHEVALIER, 1998, p. 340). Um segundo autor, assim resume, de forma mais explícita, a performance destes dois deuses: “Apolo é o deus da forma, da clareza, do contorno nítido, do sonho luminoso e, sobretudo da individualidade. As artes plásticas, a arquitetura, o mundo homérico dos deuses, o espírito da epopeia – tudo isso é apolíneo. Mas Dionísio é o deus selvagem da dissolução, da embriagues, do êxtase, do orgiaco. [...] O apolíneo dirige-se ao indivíduo, o dionisíaco ultrapassa limites”. “[...] o dionisíaco é entendido como mundo da vontade impulsiva, e Apolo é responsável pela representação, isto é, a consciência”. (SAFRANSKI, 2001, p. 57)

— Fidelidade ao pensamento freudiano sustentando a tese que nele *mythos* e *logos*⁴ sempre foram articulados e que, invariavelmente, Freud sempre se popôs a uma escuta do sujeito juntamente com as questões que envolvem seus conflitos com a cultura;

— Coerência com a minha meta de examinar o estatuto epistêmico da teoria e da clínica psicanalítica de forma mais intensiva e extensiva quanto possível;

— Escuta/interrogativa da *hybris*⁵ do conhecimento examinando, a cada passo, para onde estamos sendo levados;

— Atenção contínua aos *hespéricos* – ou seja, o homem em ocaso. Em outras palavras, aquele sujeito que, se libertando de todos paradigmas, se interroga, a todo o momento, para onde vai leva-lo esse processo de libertação, ou, em alguns casos, ao aprisionamento;

Neste sentido este ensaio é o fruto das minhas reflexões e inquietações a propósito de uma constatação já feita por mim quando eu disse alhures que: “*A psicanálise nasce no intercuro da modernidade com a pós-modernidade*”. (NEVES, 2004, p. 71). Este intercuro se deu, ou chegou

4. BEIVIDAS, Waldir. Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2000. p. 129 – 156.

5. “Palavra grega que significa insolência ou excesso. Um dos elementos da tragédia grega que revela insegurança da vida, atitude perante um desafio, acontecendo quando os protagonistas se interrogam sobre o seu destino sobre a validade das leis dadas aos homens pelos deuses ou pela polis.” (http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/léxico_gregoromano/hybris.htm)

ao ápice, no meu entender, quando Nietzsche fez a afirmação trágica “*Deus está morto*” (NIETZSCHE apud DUNLEY, 2005).⁶

Ao contrário do que se possa pensar esta morte não conduziu a uma experiência de passividade ou mesmo de positividade, mas a uma experiência do limite que levou, em muitos casos, a transgressão⁷. A partir daí começou a evidenciar, de forma cada vez mais clara, o que se conhece, hoje, pelo nome de *pós-modernidade*. Trata-se de um tempo em que a salvaguardas, representadas pela *teia simbólica*, começaram a se romper de tal forma que as concepções religiosas, filosóficas, econômicas, sociais e as grandes narrativas perderam a sua eficácia, como forma de referência e sustentação, colocando o homem em situação de risco. Em alguns meios já se fala de possibilidade de sua saída da espécie humana⁸ ou até de entrar na lista dos “animais” em extinção. Foi exatamente neste vértice que apareceu a psicanálise, onde progressivamente a existência de um discurso único *deixou* de prevalecer. Ora, se a psicanálise é resultante

6. O texto de Nietzsche é de uma beleza dramática extraordinária:

“O insensato. Vocês não ouviram falar daquele homem louco que, tendo acendido uma lanterna em pleno meio-dia, corria pela praça do mercado, gritando sem cessar:

— Procuvo Deus! Procuvo Deus!

E como naquele lugar se encontravam reunidos precisamente muitos daqueles que não acreditavam em Deus, o louco suscitou uma enorme hilaridade...

-- Onde está Deus? Gritava ele.

Eu vou dizer para vocês! Nós o matamos – vocês e eu! Nós somos seus assassinos! Mas como nós pudemos fazer isso? Como pudemos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagar completamente o horizonte? O que fizemos ao separar esta terra de seu sol? Não estamos errando através de um nada infinito? Não sentimos o sopro do vazio? Não está fazendo mais frio? Não anoitece sem cessar e cada vez mais? Não é preciso acender uma lanterna desde a aurora? Deus está morto! Deus permanece morto! E fomos nós que o matamos! Como nos consolar, assassinos de Deus? Aquilo que o mundo possuía de mais sagrado e de mais poderoso, verteu seu sangue sob nossas facas – quem enxugará seu sangue de nossas mãos? Que água poderá nos purificar? Que ritos expiatórios, que atos sagrados precisaremos inventar? A grandeza deste ato não é grande demais para nós? Não seria necessário tornarmo-nos deuses para parecermos dignos deste ato? (...) Eu cheguei cedo demais. Meu tempo ainda não veio. Este incrível acontecimento ainda está acontecendo, e viaja. Ele ainda não chegou às orelhas dos homens (...) Este ato ainda lhes é mais longínquo do que os astros mais distantes. Mas apesar de tudo, foram eles que o realizaram.” (DUNLEY, 2005. p. 209/210.)

7. Foucault no “Prefácio à transgressão”, apud DUNLEY, Gláucia. *A festa tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional*. p. 67.

8. No meu texto *Psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade* – eu trato deste tema deste de uma forma mais abrangente.

deste *intercurso* é de se esperar que ela contenha em sua teoria e em sua prática, traços não só das concepções pós-modernas como uma herança epistemológica⁹ da modernidade. Neste ponto procurei focar os meus questionamentos. É possível, então esperar que Freud rompesse totalmente, a partir de certo momento, com a modernidade abolindo toda a sua concepção epistemológica determinista? É de se imaginar, ainda que, a partir daí tenha se proposto a criar uma psicanálise calcada, somente nas concepções pós-modernas, onde as incertezas vigoram e que eu considero como profundamente marcadas por um retorno ao *pensamento trágico*? Penso que a resposta só se tornará possível se nós nos propusermos a fazer, pelo menos, duas coisas:

- Primeiro: Uma espécie de *escuta da escuta da psicanálise* a partir do exame e identificação de seus instrumentos operacionais sejam eles *clínicos* ou *teóricos*;
- Segundo: Permanecer atento ao pensamento de Freud e, sobretudo crítico sobre o seu próprio pensamento a respeito do pensamento de Freud, pois com o seu gênio ele acenou para *fatos* e *hipóteses*, que nenhum homem, até então, jamais sequer, havia pensado.

Afinal, a psicanálise permanece para mim, por excelência, a *hermenêutica da suspeita*.¹⁰

9. Por epistemologia eu entendo o sentido usado da teoria da ciência, ou seja, uma reflexão crítica sobre a ciência. In: BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2000. p.13.

10. RICOEUR, 1965 apud DUNLEY, 2001, p. 14.

II – Bases Epistemológicas

“Se a teoria — ou o paradigma — não é capaz de permitir que experiências tão fundamentais sejam pensadas, então é ela que deve mudar, e não a experiência ser ignorada”. (BEZERRA, 2001, p. 87).

Este ensaio se sustentará, assim espero, tendo como base seis premissas. Estou convicto que estas premissas contêm contradições que, ao contrário que se possa supor, ao invés de invibilizá-las, as tornam ainda mais radicais e dialéticas – portanto distantes de um pensamento único. Por outro lado, sei também que é exatamente esta a sina que todo o texto está sujeito. Especialmente se temos como referência, entre outras, *o pensamento terrorista*¹¹ que pretende ser de tal forma isento/dialético que não se filia a nenhuma corrente filosófica do *establishment*... Afinal, é próprio da essência (?) do sujeito, dito humano, que até hoje ainda mal conhecemos, ser ambíguo, contraditório, precário, incompleto, se sentir, em muitas situações, abandonado e sobretudo falho. Por outro lado, é preciso não esquecer o que Freud disse há décadas “[...] *o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais*.” (FREUD, 1974, v.1. p. 422). Neste contexto, eu me permitiria acrescentar que é exatamente no *desamparo* que se encontra a *promessa de sobrevivência* do que se convencionou chamarmos de *humano* que ainda conseguimos

11. A propósito do pensamento terrorista remeto aos interessados o belíssimo livro de Clément Rosset. *Lógica do pior*. Editora: Espaço e Tempo.

conservar. Enfim, neste texto, estou mais do que nunca, procurando, ainda que, nas entre linhas, *articular Mêtis e Thémis*¹².

Primeira: Parto do princípio que toda elaboração epistemológica, inclusive a minha, está constantemente sob suspeita¹³. Ou seja, eu acredito que as intermináveis tentativas de decifrar e apreender o mundo serão sempre meras aproximações de um real que jamais alcançaremos em toda a sua plenitude. A coisa freudiana – *Das Ding* – é aqui o ponto inicial para qualquer tentativa de articulação nesta linha de raciocínio. Por outra via – a filosófica – como muito bem disse Clément Rosset, a realidade: “[...] não entregará jamais as chaves de sua própria compreensão, por não conter em si mesma as regras de decodificação que permitiriam decifrar sua natureza e seu sentido”. (ROSSET, 2002, p. 14).

[...] a realidade é cruel – e indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo o que não é ela para considerá-la apenas em si-mesma: tal como uma condenação à morte que coincidisse com sua execução, privando o condenado do intervalo necessário à apresentação de um pedido de indulto, a realidade ignora, por apanhá-lo sempre de surpresa, todo pedido de apelo. (ROSSET, 2002, p. 18).

12. Assim, Gláucia Dunley fala a propósito do sentido/significado destas figuras mitológicas: “Thémis traduz no mundo divino os aspectos da estabilidade, da continuidade e da regularidade, ou seja, a permanência da ordem, das estações (ela é mãe das Hörai), a fixação do destino (ela também é mãe das Moirai, que dão fortuna ou infelicidade aos homens). Seu papel é de marcar os interditos, as fronteiras que não devem ser ultrapassadas. Sua palavra oracular reflete o caráter necessário e irrevogável dos decretos divinos aos quais os mortais não devem se subtrair.

Mêtis, a primeira mulher de Zeus e mãe de Atena, se refere ao futuro visto em seu aspecto aleatório; sua palavra tem valor hipotético ou problemático; ela aconselha para que as coisas possam acontecer tomando outro rumo; ela prediz o futuro não como um destino imutável, mas em suas virtualidades possíveis de alegria e tristeza, felicidade e infelicidade, fornecendo os meios o que seu saber astucioso dispõe ou cria para transformar esse destino, pulverizando-o à forma de encontros, ocorrências que, se não constituírem encontros felizes, poderão ser, pelo menos, melhores. Mêtis intervém no mundo em movimento quando seu equilíbrio é rompido, no jogo de forças dos conflitos de sucessão, nas lutas pela soberania, combate e revoltas. Sua palavra oracular supõe o confronto entre os deuses e os homens, o jogo sutil e arriscado onde nada ainda está fixado; seus consultantes devem saber interrogá-la no bom momento, aceitar ou rejeitar o oráculo e mesmo dar-lhe o sentido que lhes convier.” (DUNLEY, 2001, p. 56).

13. A propósito desta questão vide meu texto “Que é ser psicanalista no século XXI: carta de (in)tem(s)/ (ç)ões” – especialmente p. 25

Em resumo: o acesso pleno à realidade é uma tarefa impossível... só nos resta tentar *in extermis*¹⁴...

Segunda: Face, a insustentabilidade, em muitas situações, do *Logos Clássico*, eu utilizo, como uma espécie de contraponto do *Pensamento do Fora*. Para Levy:

[...] a experiência do Fora é o que leva o pensamento a pensar, realçando o impensável do pensamento, o invisível da visão e o indivisível da palavra.

[...] ela é uma experiência ética por excelência, justamente porque recupera a crença neste mundo, assim como a necessidade de transformá-lo. Como se pode perceber, estudar o Fora não se restringe a delimitar tal conceito, mas, ao contrário, constitui um movimento de abertura para outros conceitos, outras questões. LEVY,2003, p. 15).

[...] o que caracteriza o Fora é justamente o fato de ele ser composto por forças informais, que não se prendem ao campo do saber – nem ao ver nem ao falar.(LEVY,2003, p. 99/100)

[...] o Fora é uma categoria que não remete a um além mundo, mas a este mundo. Afirmar a imanência é antes de mais nada, afirmar a crença no mundo.(LEVY,2003, p. 120/121).

14. Até o último momento- tradução minha.

[...] A experiência do Fora, enquanto experiência ética e estética, nos restitui a crença na realidade, que é antes o próprio plano de imanência. Cristão ou ateus, em nossa universal esquizofrenia *precisamos de razões para crer neste mundo*.(LEVY,2003, p. 121/122)

Em suma: dar visibilidade a uma forma de pensar que os “bem pensantes” deploram porque ela sempre estaria *fora do eixo*...

Terceira: Cada vez mais vejo como ingênua a antiga *concepção humanista* de que aconteça o que acontecer, haja o que houver, o que se convencionou chamar de humano será mantido e sobreviverá a qualquer preço. Não acho descartável a possibilidade da espécie humana, tal como a conhecemos hoje, desaparecer...¹⁵

Quarta: Penso que o homem mais além do que qualquer outro ser (?) foi o único que chegou mais longe no processo de relativa separação da natureza. Assim, segundo Zizek: “O ato ético não está organicamente embutido na estrutura do universo – ao contrário, assinala uma ruptura, um rompimento da rede ou da estrutura causal do universo. A liberdade é essa ruptura – algo que começa a partir de si mesmo”.(ZIZEK, 2006 p.154).

Sabemos, por outro lado, que ninguém sai impune quando avança em direção a esta ruptura;

Quinta: Eu me pauto hoje sempre, me interrogando a todo o momento, a propósito do *Acaso*, definido por Clémen Rosset como sendo: “precisamente o nome que designa a aptidão da matéria a se organizar espontaneamente: a matéria inerte recebe do acaso o que se chama vida, o movimento e as diferentes formas de ordem.” (ROSSET, 1989, p. 97). Ainda segundo Rosset:

15. ZIZEK, Slavoj. DAY, Glyn. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. p. 107.

[..] o pensamento terrorista declara: há acaso, logo não há natureza (nem homem, nem nenhuma espécie de coisas). E mais geralmente ainda: há acaso, logo não há ser – “o que existe” é nada. Nada, isto é, nada a respeito do que pode se definir como ser: nada que “seja” suficientemente para se oferecer à delimitação, denominação, fixação no nível conceitual como no nível existencial. Nada, no domínio “do que existe”, que possa dar ao pensamento ao menos a idéia de um ser qualquer. (ROSSET, 1989, p.100).

Sexta: Toda minha reflexão – certamente um ato, nem sempre, não consciente¹⁶ - tem como eixo às concepções/intuições geniais de Freud que permeia todo o meu discurso. Enfim, tenho sempre como inferência uma certeza ao lado de uma *in/certeza* que denúncia, a um só tempo, todo o leque das im/possibilidades, dúvidas e interrogações do *sujeito (?) em situação*, fruto talvez de um in/feliz (?) acaso... Nascido, segundo Dunley, *do encontro de circunstâncias*¹⁷.

Todo este itinerário epistemológico implica numa escolha. Uma escolha (?) que não deixa de trazer uma certa angústia como diz Walter Benjamin: “abrir caminhos em territórios em que até agora prolifera a loucura. Avançar com o machado agudo da razão, sem olhar nem para a direita nem pra esquerda, para não sucumbir ao horror que acena das profundezas de floresta virgem”. (BENJAMIN apud DUNLEY, 2005, p.15).

Para terminar, o presente item, eu pretendo ficar no intervalo existente entre a pretensa sabedoria que é, na maioria das vezes efêmera, já que o acesso ao real é sempre possível embora, notoriamente

16. Sabemos que Freud fez uma extraordinária descoberta que permitiu Lacan declarar: “[...] o inconsciente não deixa nenhuma de nossas ações fora do seu campo.” (LACAN, 1966. p.385.)

17. DUNLEY, Glaucia. *O silêncio da Acrópole: Freud e o trágico; uma ficção psicanalítica*. p.52.

precário/problemático e uma interrogação constante das certezas absolutas, uma vez que elas conduzem sempre a uma servidão. De qualquer modo, penso como Freud que, a certa altura declarou enfático: “Não peço que os membros adotem meus pontos de vista, mas vou sustentá-los em particular, em público e nos tribunais” (Sigmund Freud. In Reverso nº53).

III - Objetivos

Neste ensaio me proponho explorar ainda que de forma *sumária*¹⁸— indicando apenas alguns pontos cardeais — quatro questões que envolvem de forma *intrínseca e extrínseca* o pensamento psicanalítico:

Primeira: A noção de trágico e suas implicações com a pós-modernidade;

Segunda: A psicanálise como fruto da episteme moderna;

Terceira: A psicanálise como um pensamento trágico;

Quarto: A psicanálise enquanto teoria e *clínica* onde o Trágico e o Logos se entrecruzam.

18. É minha intenção desenvolver, num futuro próximo, cada um dos temas que iremos listar a seguir.

IV – Desenvolvimento

1 – O que se pode entender por trágico - homem trágico?

Que um tempo de fecundidade e esperança possa se abrir para aqueles que compreendem a vida como experiência trágica compartilhada, onde o destino não é dado de antemão, mas se constrói como desejo na incessância dos encontros que a vida propõe.(DUNLEY, 2001, p. 9)

Para se falar do trágico é preciso, em primeiro lugar, conceitua-lo, ainda que de forma poética, concisa, como fez Hölderlin: “[...] *a escuta do trágico como ferida que separa o humano do divino*”.(DUNLEY, 2005, p.73). Dunley falando da oposição platônica aos afetos sublinha dois modos de existência: “[...] **um interativo**, proposto pela tragédia como figura máxima da pluralidade da existência e da paixão pela alteridade, e **outro deliberadamente** solitário, onde estar emocionado significa estar sob o domínio ou ser presa/prisioneiro de alguém. Pois o sábio deve ser auto-suficiente.” (idem, p.93).

Por outro lado ninguém melhor que os clássicos que, muito antes da psicanálise, como sempre previu Freud, revelaram os conflitos inerentes à subjetividade humana. Vejam a cadência deste belíssimo trecho que revela, de uma forma pungente, as vicissitudes de cada um de nós em nossa passagem pela vida: “Olhem, é Édipo! Aquele que resolveu intrincados enigmas e exerceu o mais alto poder; aquele cuja felicidade invejavam todos os cidadãos vejam-no desaparecer nas ondas cruéis do destino fatal”.(SÓFOCLES)¹⁹.

19. A tradução deste texto é de Dunley (2001), que a verteu do texto em espanhol citado por Sigmund Freud in: FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. 1972, v.1 – A interpretação dos sonhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1967. v.1 p.390.

A passagem acima é um trecho final do Coro referindo-se a um homem que, depois de ter vivido grandes glórias, se vê devastado pelo sofrimento, carregando uma profunda e incurável dor... um homem marcado pela tragédia... um sujeito *trágico*. Mas como e porque ele chegou a este nível de desespero? Uma das formas de encontrar a resposta é tentar ir aonde tudo começou. No início da peça, Sófocles coloca na boca do personagem principal – Édipo – a seguinte fala: “Uma coisa já fiz: mandei Creonte, meu nobre cunhado, a Delfos, perguntar ao deus do Sol, em seu maravilhoso santuário, com que palavra ou gesto eu poderei salvar esta nação.” (SÓFOCLES, 1974, p. 13).

Quando Édipo ordena a Creonte que este vá consultar o *Oráculo* inicia-se um longo processo de investigação, como sabemos, tal como ocorre numa psicanálise, em busca da verdade, que o levará a um impasse – de uma forma lenta, porém inexorável deixará de ocupar os lugares das *certezas absolutas* para ocupar os lugares das *certezas relativas*...

Processo este em que investigador e investigado se misturam num ir e vir interminável. Dunley expressa, em outras palavras, esta verdadeira devassa: “Édipo é assim o descobridor, o sujeito da descoberta, e o objeto da descoberta, aquele mesmo que é descoberto. Ao disponibilizar a verdade dos fatos pela investigação, ele se disponibiliza igualmente.” (DUNLEY, 2005, p. 59/60).

Ele quer saber... Neste sentido há um processo de auto-questionamento em andamento, em que cada um é levado, a seu modo, a se dar conta que está profunda e irremediavelmente implicado em seus atos e por eles se torna responsável... E *sabendo*, de todas estas implicações, ele se torna um *homem trágico*. No momento em que ele se propõe ou deseja saber, ele ainda não se sente ameaçado. Sabendo, não há como não assumir o seu próprio destino. Tornando-se *átneos* os deuses se retiram. Ocorre, então, uma dupla ação: *infidelidade* por parte dos homens e *indiferença* por parte dos deuses. Ele se desespera, se angústia, se sente desamparado quando ele sabe, ou seja... o homem só se dá conta da sua tragicidade quando é levado ou se propõe a saber. Portanto, penso que: - Quem não quer saber, ou seja, levar os seus questionamentos até as últimas consequências, jamais será trágico...

Por outro lado uma leitura, digamos leiga, a propósito do trágico, desconsidera uma descoberta fundamental feita pela psicanálise – a

divisão do sujeito, ou seja o *inconsciente*. Trata-se de um sentimento de incompletude que gera um certo *mal-estar* já detectado pelos grandes *poetas trágicos*²⁰, sendo também objeto de comentários de alguns filósofos. Marilena Chauí expressa de maneira muito clara, onde queremos chegar:

O herói e a heroína trágicos. [...] são figuras da dor, personagens marcadas pelo conflito entre sua vontade e seu destino, sua consciência e sua obrigação fatídica, sua ignorância e o cumprimento do que lhes foi reservado pela vontade insondável dos deuses. Sua dor desperta terror e esse terror se exprime nos cantos do coro porque são figuras da culpa e da maldição sem que tivessem agido com conhecimento de causa. São personagens que nunca sabem o que imaginam saber e que, por ignorância quanto ao que lhes foi destinado pelos deuses, realizam ações que causarão sua própria desgraça e a dos que as rodeiam. Mas não só isso. O que mais nos impressiona nas figuras trágicas é o fato de que dispõem de sinais e indícios que lhes permitiriam, fossem outras circunstâncias, conhecer sua situação e o sentido de sua ação e, no entanto, não podem percebê-lo nem compreendê-los. Eis por que quando o herói ou a heroína julgam estar fazendo sua própria vontade segundo seus

20. Nós nos referimos aqui especialmente Esquios, Sófocles e Eurípides. Jô Gondar comenta de forma instigante, citando Hölderlin, cada uma das características destes três trágicos e suas implicações com a condição humana: “Haveria em Sófocles alguma coisa de mais propriamente trágica do que em outros poetas? Sim, e o trágico implicará, para Hölderlin, na afirmação de um modo de existência errante, sem a garantia e a ordenação estabelecida pelos deuses, possibilidade presente em Sófocles, porém ausente nos demais. Em Ésquilo, por exemplo, o herói trágico é uma figura possuída pela *hybris*, pela desmedida; um homem que ultrapassa o limite estabelecido pelos deuses, devendo, por este motivo, ser punido, para que se restabeleça a ordem do mundo. O trágico vê-se então marcado pela condenação da desmedida e pela necessidade de retorno à situação inicial: é preciso haver a expiação de uma falta para que se

próprios conhecimentos, estão apenas cumprindo, sem saber, a vontade dos deuses; e quando julgam estar cumprindo as leis divinas e familiares, cumprindo a vontade dos deuses, estão realizando, sem saber, sua própria vontade. Neles, conhecimento é ignorância (do destino). A tragédia expõe a contradição insuperável entre a necessidade (o destino) e a existência da vontade, da liberdade e da consciência de nossas ações; e a contradição entre a vontade dos deuses e a nossa. A *hýbris* do herói ou da heroína, a desmedida e desproporção de suas ações nascem da ânsia de ser senhor de si e de seu próprio destino e de só consegui-lo cumprindo o Destino.

[...] a individualidade é acentuada e a oposição entre o humano e o divino vai sendo transfigurada numa oposição interior ao próprio agente, aparecendo cada vez mais como crise ou luta interna entre paixões destrutivas que arrastam a personagem em direções contrárias, fazendo-a responsável, em alguma medida, por suas ações.

(CHAUI, 2002, 139/140. Grifo meu)

possa restabelecer o equilíbrio. Em Ésquilo, a garantia do equilíbrio reside na condenação divina, em Eurípides, na razão. De qualquer modo, a vida é culpada, e o equilíbrio provém de uma lei que a transcende.

Em Sófocles encontramos algo inteiramente diverso. Seus heróis trágicos - Édipo e Antígona, por exemplo - não são seres que ultrapassam os limites estabelecidos pelos deuses. Ao contrário, o acontecimento trágico só encontra o seu lugar quando esses limites se dissolvem, ou seja, quando o deus que vela pela manutenção da ordem no mundo se retira. Nesse momento, o herói trágico deixa de ser um violador de limites para tornar-se um homem "abandonado pelo deus". De fato, em *Édipo rei* o herói nos é apresentado como *o theos* - o que não significa ateu no sentido que hoje conferimos ao termo. Édipo é *atheos* por ter sido abandonado pelo deus, um deus que se torna indiferente ao seu destino, não se dando ao trabalho sequer de castigá-lo pelo seu crime. A longa errância de Édipo a partir deste abandono será tema de outra tragédia, Édipo em Colona. Por este motivo, Hölderlin dirá que somente Sófocles vai ao coração do trágico. Ésquilo e Eurípides objetivam a *hybris*, a transgressão e a punição, porém se mostram incapazes de expressar "o sentido do homem, enquanto errante sob o impensável" (Beaufret, 1965, p. 13. In: FEITOSA, 2006. 118/119).

Uma leitura atenta deste trecho de Chauí – obviamente escrito numa linguagem não analítica – nos permite perceber o que torna mais trágica a condição humana: *a insuperável distância entre o que ele sabe e o que ele desconhece...* Nesta trajetória do homem nos últimos dois mil e quinhentos anos (Três mil?) em busca do encontro comigo mesmo é marcado por uma série de desencontros, ou seja, nesta procura em busca do *saber de si/dos cuidados de si*, ele comete uma sucessão de equívocos:

Primeiro: Quando abandonou ou foi abandonado pelos deuses, ele imagina que se tornou *senhor de seu próprio saber*;

Segundo: Imaginando-se dono do seu próprio saber, ele se sente *dono de si*;

Terceiro: A condição de *dono de si* é ilusória, pois acaba por descobrir, como ensina a psicanálise, que ele *sempre está onde não pensa e sempre pensa onde não está...*

Ou seja, a interrogação antes feita aos deuses – Oráculos – agora é feita ao próprio sujeito. *Quem sou? De onde venho? Onde estou? E para onde vou?*

Do ponto de vista psicanalítico não há resposta possível/definitiva para estas interrogações. No entanto, elas provavelmente continuarão a ser feitas, mesmo porque não há como não fazê-las. Pois é isto que move o homem, ou seja, a sua incompletude – *a falta a ser* ou a alienação fundamental que todos nós estamos presos. E é aí que a criança encontra, através do desejo, razões para se identificar. Ou ainda: “Comme le dit Lacan: le désir ultime est donc celui de la non-satisfaction du désir, le désir de rester ouvert”. (ZIZEK, Slavo. In: *Revista Le Magazine Littéraire*, p. 33).

Ora o homem, como vimos, é o único ser que tem uma certa consciência de si e que não sabe, ainda claramente, quem é e de onde veio. Por outro lado não sabe para onde vai. Sabe, no entanto, apesar de, no fundo, sempre negar, das formas mais variadas, que vai morrer²¹. — O Phobos — o enorme terror metafísico — viver/sentir visceralmente a nossa própria mortalidade.

Paradoxalmente, no mundo contemporâneo a negação da morte é tão grande que cabe perguntar: — Será que esquecemos que somos mortais? Ou como pergunta Blanchot: “*Perdemos a morte?*” (BLANCHOT, 2001, v.1, p.74). Enfim, o homem se dá conta de sua tragédia quando ele é levado ou se propõe, a saber. Um saber que se recusa ou jamais será pleno e que é sempre incompleto. Barrenecher assim define o homem trágico:

O homem trágico, tencionado entre ethos (caráter, segundo Aristóteles, como capacidade de deliberar) e daimon (força demoníaca que o leva a agir à sua revelia), não sabe ao certo que forças o movem ou manipulam num universo dominado pelos deuses e pelo destino, e, por conseguinte, o quanto e em que medida ele é responsável por seus atos.

(BARRENECHE, In: PULSIONAL REVISTA DE PSICANÁLISE, 2006, nº186 p. 124).

A *condição trágica* tira o homem do imobilismo, levando-o a *agir*, a *transgredir* e a assumir os riscos que a vida impõe implicando, por fim, quer queiramos quer não, uma *ética*. Dunley é expressiva em relação a este tema:

21. A propósito desta questão, uma passagem do Gênesis nos faz meditar: “Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de Nós, sabendo o bem e o mal; ora, pois, para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente.” (GN 3:22)

[...] a tragédia é a forma de representação que traz o real à cena, provocando o pensamento, lembro que Édipo – como figura paradigmática do saber no sentido especulativo do termo – traz em seu nome, como interpretação possível, o verbo oida – eu vi, eu sei. A tragédia, como uma simulação que não dispensa o real, terá constituído uma experiência crítica do pensamento, provocado pelo pathos trágico, assim como uma resistência à sua petrificação em formas muito organizadas. (DUNLEY, 2005, p. 111)

Quanto à angústia ou medo da morte, Freud me parece definitivo:

Estou inclinado, portanto, a aderir a ponto de vista de que o medo da morte deve ser considerado como análogo ao medo da castração, e que a situação à qual o ego está reagindo é de ser abandonado pelo superego protetor – os poderes do destino –, de modo que ele não dispõe mais de qualquer salvaguarda contra todos os perigos que o cercam. (FREUD, 1976, v.20 p. 153)

Mesmo assim, momentaneamente, querendo ou não, na ignorância ele é feliz... mas sabendo ele pode até continuar feliz²² mas ainda assim ele se dá conta, a cada passo, da sua condição trágica. Um adágio nem tanto in/sensato, talvez traduza como ninguém está situação do homem, especialmente do homem contemporâneo:

22. O conceito de ilusão cunhado por Freud nos ajuda a entender que o homem mesmo sabendo, pode continuar feliz: “Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.” (FREUD, 1974, v.21, p.44)

Venho não sei de onde,
 Sou não sei quem,
 Morro não sei quando,
 Vou não sei onde,
 Espanto-me [no entanto] de ser tão alegre.
 (o trecho pontuado é acréscimo meu.
 BIBERACH, Martins von, apud ROSSET, 2000, p.
 102)

Fiel ao pensamento Kantiano²³ o homem ocidental optou pela terra firme, abandonando para sempre o céu, separando-se definitivamente dos deuses. O mundo supra-sensível é deixado para trás. O mundo sensível toma o seu lugar²⁴. O homem é, então, levado – querendo ou não – a assumir a sua impotência/desamparo – o seu *pathos*...²⁵

Resumindo: A minha proposta é tratar o pensamento trágico como uma *crítica* que se propõe ser a mais contundente possível diante de uma *cultura* cada vez mais petrificada²⁶.

2 – A psicanálise como saber científico

“*Qué otra cosa puede ser*”?
 (FREUD apud BEIVIDAS, 2000, p. 32)

Um dos textos fundamentais de Freud trás, no próprio título, a sua clara intenção de situar a psicanálise no âmbito da ciência – “Projeto para uma psicologia científica” – (FREUD, 1974, v.1. p. 395). Logo a seguir, no primeiro parágrafo, deste texto, outra confirmação. Diz Freud: “A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural”.(grifo meu – FREUD, 1974, v.1. p. 395).

23. DUNLEY, Gláucia. *A festa tecnológica*. p.13.

24. NEVES, João Francisco. *A psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade*. p.5

25. Para Dunley Pathos é “...a capacidade de se deixar comover, de se deixar tomar ou afetar, sem a qual não pode haver nenhum acolhimento, nenhuma escuta do que nos ultrapassa. Nenhuma escuta do trágico.” (DUNLEY, 2001, p.83),

26. DUNLEY, Gláucia. *A festa tecnológica*. p.94.

Nos textos que iremos referenciar, a seguir, é clara a preocupação de Freud com relação à *cientificidade* da psicanálise. Assim:

*"carecen, por decirlo así, del severo sello científico"*²⁷ (FREUD, 1973, v.1:124.)

*"nossa ciência"*²⁸ (FREUD,1973, v.1:3419-23).

Nestas duas citações é visível a hesitação/dúvida de Freud na primeira; quanto na segunda, ela está plenamente convicto no que se refere o estatuto científico da psicanálise.

"[...] como toda ciência, no tiene nada de tendenciosa y su único propósito es aprehender exactamente un trozo de la realidad" (FREUD,1973, v.1: 2673)²⁹

"Desde que la labor del analítico se orienta así hacia la resistencia del paciente, la técnica analítica ha adquirido una sutileza y una seguridad comparables con las de la Cirugía" (FREUD, 1973, v.1: 2671)³⁰

Nestes trechos Freud estampa de forma explícita a certeza da ciência que ainda desconhecia a física quântica: *a neutralidade, a exatidão, a precisão e a segurança*³¹. Era tudo que ele aspirava para a psicanálise.

27. apud BEIVIDAS, 2000, p. 28.

28. apud BEIVIDAS, 2000, p. 28.

29. apud BEIVIDAS, 2000, P. 29.

30. apud BEIVIDAS, 2000, P.30.

31. BEIVIDAS, Waldir. Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2000. p. 29.

La ciencia, eternamente incompleta e insuficiente, está destinada a perseguir su fortuna en nuevos descubrimientos y en nuevas concepciones. Para evitar el engaño fácil le conviene armarse de escepticismo, y rechazar toda innovación que no haya soportando su riguroso examen.(FREUD,1973, v.1: 2801)³²

E já aqui Freud reconhece o limite da ciência, mas não deixa de esperar de todos os seus praticantes bastante rigor na sua conduta.

Hallamos entonces que tanto temporalmente como por su contenido corresponden la fase animista al narcisismo, la fase religiosa a la de la elección de objeto caracterizado por la fijación de la libido a los padres y la fase científica aquel estado da madurez en el que el individuo renuncia al principio del placer, y subordinándose a la realidad, busca su objeto en el mundo exterior. (FREUD,1973, v.1: 1804).³³

Explorando as fases pelas quais o homem teria passado – a fase *animista*, a fase *religiosa* e a fase *científica*, não é surpresa que Freud coloque a psicanálise nesta última. Neste sentido ele estava, em parte, preso a uma ilusão, prevalente no início do século passado — a ciência podia tudo.

32. apud BEIVIDAS, 2000, p.30.

33. apud BEIVIDAS, 2000, p.30.

Quanto a Jô Gondar, ela é de opinião que:

Temendo que a psicanálise não recebesse o aval da comunidade científica, Freud procurou dar mais ênfase à dimensão da medida do que a da desmedida que, de resto, escorria insistentemente dos seus escritos. Nada mais fadado ao fracasso do que o pretensão racionalismo freudiano, acossado pelo trágico por todos os lados. E um trágico no sentido forte, não aquele que visa restabelecer uma ordem inicial rompida – como em Eurípedes – mas aquele que mantém e sustenta uma relação agonística – como em Nietzsche e em Hölderlin. (FEITOSA, 2006, p. 113).

Nesta esteira, onde se discute até onde a psicanálise é um *discurso científico* em toda a sua pureza e a partir de que momento passa a ser uma referência *ética/estética/trágica*, Joel Birman faz alguns apontamentos que merecem ser referências, apesar de extensas:

Assim, já se transformou num lugar-comum, para uma boa parte dos psicanalistas ao longo da história da psicanálise, a formulação de que a psicanálise seria uma modalidade de *discurso científico*. (BIRMAN, 1996, p. 51 grifo meu)

[...] o discurso freudiano continuou a fazer apelo à ilusão de que a psicanálise seria uma ciência, pela racionalidade metapsicológica. Contudo, a metapsicologia passa a evidenciar também as suas *dimensões anticientíficas*, quando o discurso freudiano passa a se referir à metapsicologia como sendo a representação da feitiçaria, isto é, a *feiticeira* a que a psicanálise faz apelo quando

se encontra diante de um obstáculo teórico. (BIRMAN, 1996, p.53. grifo meu).

[...] *a autonomia das forças pulsionais* face ao campo dos representantes e dos objetos, isto é, as forças pulsionais e as suas intensidades psíquicas passaram a ter uma autonomia efetiva face aos representantes e aos objetos de regulação pulsional. Foi neste contexto que o registro econômico assumiu a hegemonia teórica na metapsicologia freudiana, face aos registros tópico e dinâmico. (BIRMAN, 1996, p. 59. grifo meu).

[...] *o modelo determinista na psicanálise* se mostrou de sustentação impossível e se apresentou então *um modelo indeterminista do psiquismo*. Com isso, o paradigma científico da psicanálise, enunciado como ideal teórico nas origens do discurso freudiano, foi substituído progressivamente por um paradigma ético e estético para a leitura do sujeito. (BIRMAN, 1996, p.60. Grifo meu).

[...] *o discurso freudiano* teve que se *desligar do paradigma da ciência* e se inscrever no campo do *paradigma ético*. (BIRMAN, 1996, p.64. Grifo meu).

[...] *o sujeito ético* fundado pelo discurso freudiano se constitui em torno das problemáticas da *dívida simbólica* e da *alteridade*. Em função disso, *o sujeito é fadado aos destinos simbólicos da transmissão* e da filiação, formas de saldar a dívida contraída com as suas origens. (BIRMAN, 1996, p. 65. Grifo meu).

As referências de Birman podem ser divididas em dois grupos:

Primeiro: Privilegia o chamado *paradigma ético*; levam em conta a *autonomia das forças pulsionais, o modelo indeterminista do psiquismo, a dívida simbólica e alteridade*;

Segundo: Questiona o *estatuto científico da psicanálise*, os aspectos *anti-científicos da metapsicologia freudiana* e considera o *modelo determinista* como *insustentável*.

Antes de quaisquer, outras considerações sobre o texto de Birman gostaria de examinar, como vejo a produção psicanalítica contemporânea tendo como referência básica não só a *teoria*, mas também a *clínica*:

1º) No primeiro plano encontram-se textos, escritos por *comentadores* que, interessados por Freud, jamais se submeteram à análise e escrevem, privilegiando, o que chamo de *discurso teórico*;

2º) No segundo encontram-se textos, que também designo como um *discurso teórico*, escritos por intelectuais, que se submeteram à análise pessoal, mas nunca fizeram formação e, portanto jamais atenderam um cliente;

3º) No terceiro estão aqueles analistas que fizeram análise pessoal, formação analítica, trabalham como analistas, mas *privilegiam o texto teórico* em detrimento da clínica;

4º) E finalmente aqueles analistas que fizeram uma formação completa: *análise pessoal, supervisão e seminários teóricos*. Estes dão igual valor à *teoria e a clínica*, continuando, portanto fiéis às intuições de Freud.

Vejo com certa reserva o analista que se autodefine como um *pesquisador teórico*, que não fez ou deixou de fazer clínica. Por outro lado, penso que o analista que se diz apenas ser um *clínico* corre o risco de cair num ativismo empobrecedor.

Retornando ao texto do Birman, chamo a atenção para o fato dele fazer uma espécie de *ruptura epistemológica* com o *discurso freudiano*, na sua plenitude, privilegiando a *teoria* em detrimento da *clínica*. Neste sentido, a questão da cientificidade da psicanálise reivindicada por Freud é deixada de lado. Assim, já se transformou num lugar-comum, para uma boa parte dos psicanalistas ao longo da história da psicanálise, um forte questionamento a propósito da formulação de que a psicanálise seria uma modalidade de *discurso científico*.

Diante do exposto seja por Gondar, seja por Birman fica bastante claro que Freud, juntamente com a psicanálise, sofreram dois tipos de questionamentos, aparentemente contraditórios:

Primeiro: O descrédito e rejeição que muitos médicos³⁴ e, sobretudo, os psiquiatras receberam os achados de Freud. Suas teorias eram e ainda são vistas, como algo exótico e de validade científica duvidosa.

Segundo: O confronto por parte de outras sejam eles médicos ou não – por exemplo: Gondar e Birman – defendem a tese de que Freud teria sido um tanto quanto precipitado, tentando colocar a psicanálise no âmbito da ciência.

Sabemos que ainda hoje a situação continua na mesma e até tornou-se mais grave em alguns meios. Qual razão para tamanha dificuldade encontrada pela psicanálise? Penso, em pelo menos três causas que seriam ao mesmo tempo *excludentes* e *complementares*:

34. Em 1925, no texto “As resistências à psicanálise” Freud fala da posição um tanto incômodo da psicanálise entre a medicina e a filosofia. Ele afirma, então, de forma expressiva: “Sucedee, então, que a psicanálise nada deriva, senão desvantagens, de sua posição intermediária entre a medicina e a filosofia. Os médicos a vêem como um sistema especulativo e recusam-se a acreditar que, como toda outra existência natural, ela se fundamenta numa paciente e incansável elaboração de fatos oriundos do mundo da percepção; os filósofos, medindo-a pelo padrão de seus próprios sistemas artificialmente construídos julgam que ela provém de premissas impossíveis e censuram-na porque seus conceitos mais gerias (que só agora estão em processo de evolução) carecem de clareza e precisão.” (FREUD, 1969, v.19, p.243).

Primeiro: O relativo descaso, por parte da maioria dos analistas, de continuarem o trabalho de Freud, no sentido de *definir e circunscrever a psicanálise* no âmbito de ciência especialmente hoje, em que ela esboça novos paradigmas. Por exemplo: a física e a mecânica quântica.

Segundo: A insistência de muitos analistas de situarem a psicanálise exclusivamente no âmbito de uma ética, rejeitando desta forma, qualquer paradigma científico;

Terceiro: A resistência, já prevista por Freud, que a psicanálise produz em todos os meios em que ela é inserida ou se insere, inclusive, no meio psicanalítico.

Outro ponto que me parece significativo, pois resume de uma certa forma o que foi dito por Freud anteriormente, no que diz respeito o direcionamento da psicanálise para a cientificidade. Em 1922, no seu artigo para a enciclopédia³⁵, ele pontua, definindo a psicanálise como uma *Ciência Empírica*:

Psicanálise é o nome:

1. De um método para a investigação de processos mentais de outro modo quase inacessíveis;
2. De um método baseado nesta investigação para o tratamento de desordens neuróticas;
3. De uma série de concepções psicológicas adquiridas por este meio e que se vão juntando umas às outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica.(LAPLANCHE, 1970, p. 495/496).

35. FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.18. p. 287. Além do princípio do prazer, psicologia e outros trabalhos.

Quando Freud se refere a *um método de investigação dos processos mentais, um método baseado nesta investigação e uma série de concepções psicológicas adquiridas por este meio e que se vão se articulando umas as outras para formarem progressivamente uma nova disciplina científica*, denúncia, mais uma vez, a sua intenção de levar para a psicanálise os princípios das ciências, ditas, *exatas*.

Um novo retorno ao texto freudiano conduz a um achado que se evidência por si mesmo: até que ponto o *analista* deve ser também um *cientista* e de que forma faria isso? Antes de responder a esta pergunta, um parêntese se torna imprescindível. Neste sentido a presença de Bion se faz necessária, especialmente quando se fala do *pensamento*, que *calcula* e do *pensamento* que *pensa o sentido*, na psicanálise. Diz Bion: “Diante da complexidade da mente humana, o analista deve ser prudente ao empregar um método científico, mesmo o mais estabelecido. Sua fragilidade pode estar bem mais próxima da debilidade do pensamento psicótico do que um exame superficial poderia admitir”. (BION. *Learn from experience* – citado por Leão).

Quanto aos contemporâneos de Freud muitos o consideravam um *cientista*. Numa conferência pronunciada por Thomas Mann, em 1936, quando Freud foi homenageado, pelos seus oitenta anos, a referência é explícita: “*Estamos aqui reunidos para homenagear um grande cientista.*” (REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. v. 40, n°2, p. 49)³⁶.

Insistindo no exame da *postura investigativa* da psicanálise – simultaneamente um *método de investigação* e um *método de tratamento*, ninguém melhor do que J. Laplanche e J.B. Pontalis que, através do seu Vocabulário, deu vida, circunscrevendo, os conceitos criados por Freud. São cinco as recomendações de Freud, dentre outras, para se conduzir uma análise: *regra fundamental, associação livre, atenção flutuante, abstinência e neutralidade*.³⁷

36. Por outro lado, hoje, em alguns meios, Freud é identificado, antes de tudo como psiquiatra, sendo que a palavra psicanalista nem aparece. Vide LOPES, Antônio Carlos. *Tratado de clínica médica*. v.1, p.11/12.

37. **1º Regra Fundamental:** “Regra que estrutura a situação analítica: ao analisado é convidado a dizer o que pensa e sente sem nada escolher e em nada omitir do que lhe acode ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável de comunicar, ridículo, desprovido de interesse ou despropositado.” (LAPLANCHE, 1970, p.565).

Anos mais tarde Freud estipulou a condições de isolamento que o paciente deveria ser colocado:

O tratamento psicanalítico pode ser comparado a uma operação cirúrgica e exigir, de modo similar, que seja efetuado sob condições que serão as mais favoráveis para seu êxito. Os senhores conhecem as medidas de precaução adotadas por um cirurgião: sala adequada, boa iluminação, auxiliares, exclusão dos parentes o paciente, e assim por diante. Os senhores bem podem imaginar, agora, quantas dessas operações teriam êxito se fossem realizadas na presença de todos os membros da família do paciente, a enfiarem o nariz no campo operário e a clamarem em altos brados a cada incisão. (FREUD, 1976, v.16. p.534/535).

2º Associação Livre: “Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que acodem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea.” (LAPLANCHE, 1970, p.71).

3º Atenção Flutuante: “Modo como, segundo Freud, o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar a priori qualquer elemento do seu discurso, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Esta recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando.” (LAPLANCHE, 1970, p.74).

4º Abstinência: “Princípio segundo o qual o tratamento analítico deve ser conduzido de tal modo que o paciente encontre o menos possível de satisfações substitutivas para os seus sintomas. Implica para o analista a regra de se recusar a satisfazer os pedidos do paciente e a desempenhar efetivamente os papéis que este tende a impor-lhe. O princípio de abstinência pode, em certos casos e em certos momentos do tratamento, especificar-se em indicações relativas a comportamentos repetitivos do indivíduo que dificultam o trabalho de rememoração e elaboração.” (LAPLANCHE, 1970, p.23).

5º Neutralidade: “Uma das qualidades que definem a atitude do analista no tratamento. O analista deve ser neutro quanto aos valores religiosos, morais e sociais, isto é, não dirigir o tratamento em função de um ideal qualquer e abster-se de qualquer conselho; neutro quanto às manifestações transferenciais, o que exprime habitualmente pela fórmula ‘não entrar no jogo do paciente’; por fim, neutro quanto ao discurso do analisando, isto é, não privilegiar a priori, em função de preconceitos teóricos, um determinado fragmentado ou um determinado tipo de significações.” (LAPLANCHE, 1970, p. 404).

Tanto as cinco *recomendações* a serem observadas na condução do processo analítico quanto ao *isolamento* em que o paciente deveria ser colocado me leva a concluir, sem sombra de dúvida, que Freud se propôs a enquadrar a psicanálise nos cânones rigorosos da *ciência moderna*, ou seja: *investigação científica em busca de conhecimento científico*.³⁸

No seu texto “Ciência e verdade”, Lacan, a propósito do embasamento científico de Freud é *taxativo e explícito*:

Dizemos, ao contrário do que se inventa sobre um pretenso rompimento e Freud com o cientificismo de – se quisermos aponta-lo em sua fidelidade aos ideais de um Brüche, por sua vez transmitidos pelo pacto através do qual um Helmholtz e um Du Bois-Reymond se haviam comprometido a introduzir a fisiologia e as funções do pensamento, consideradas como incluídas neles, nos termos matematicamente determinados da termodinâmica, quase chegada a seu acabamento em sua época – que conduziu Freud, como nos demonstram seus escritos, a abrir a via que para sempre levará seu nome.

Dizemos que essa via nunca se desvinculou dos ideais desse cientificismo, já que ele é assim chamado, e que a marca que traz deste não é contingente, mas lhe é essencial. (LACAN, 1982, p. 871).

Como Freud procedeu para fazer esta investigação científica tendo agora como objeto o inconsciente? Ou ainda, quais os caminhos percorridos por ele para estabelecer os parâmetros de *pesquisa* que pudessem ser articulados com as exigências de uma *clínica* bem sucedida? Vejamos:

38. KÖCHE, José Carlos. *Pesquisa Científica: critérios epistemológicos*. Vozes, 2005. 254p. Resenha.

1º) Primeiro ele fez um corte no discurso médico;³⁹

2º) A partir daí, ele deixou não só de olhar os seus pacientes, mas passou, sobretudo, a ouvi-los, ou deslizou-se de forma progressiva do *ver-o-sintoma* para o *ver-se ver-se* ⁴⁰...;

3º) Manteve, no entanto, o estatuto básico da conduta médica: uma ética ao lado de uma postura clínica sustentada pelo seu nascente desejo como analista. (desejo do analista);

4º) Simultaneamente, ele aplicou o ritual da *observação científica*, não sem esquecer e como veremos, um controle de variáveis, que ele conhecia muito bem na *observação dos pacientes*;

Para entender a postura de Freud – no seu ato de criar a Psicanálise – é preciso, primeiro esclarecer alguns pontos no que diz respeito a sua conduta/perfil profissional:

39. Segundo Antonio Ribeiro: “[...] o discurso médico se caracteriza por excluir toda subjetividade, tanto do próprio médico como do doente, daí Clavreul afirmar que não existe relação médico-doente. O que existe é um monólogo, porém, com a característica de que é o médico quem fala, mas o seu discurso não se dirige ao SER, ao sujeito-doente. A relação que se estabelece na verdade é uma relação instituição-médico-doença, sendo o médico o representante da instituição.

Quando o futuro analisando procura inicialmente o analista, de alguma maneira, até mesmo quando nega conscientemente, é o mestre que ele deseja encontrar. A experiência médica anterior do analisando reforça esta atitude, pois esta ilusão do doente corresponde a uma forma de pensamento adotada pela medicina e segundo a qual a doença tem uma existência autônoma e que independe do corpo e do sujeito que a suporta. Por esta razão o sujeito não estaria comprometido com a doença e a ele não restaria outra alternativa serão se entrega a alguém que possuísse o saber para liberta-lo da doença.” (SILVA, 1994, p.39).

40. Idem, p. 43.

Primeiro**Momento**

1º) A sua formação acadêmica inicial, foi direcionada para a pesquisa;

2º) A sua opção por uma atividade médica/clínica se deu, ao que se sabe, muito mais em virtude de uma precária condição econômica do que propriamente por um desejo genuíno voltado para os cuidados do outro;

Conclusão: Freud teria sido antes de tudo um pesquisador e, secundariamente, médico⁴¹;

41. Em 1914 foi explicito: [...] quanto a mim, apenas assumira a contragosto a profissão médica... (FREUD, 1974, v.14, p.18).

Numa passagem de sua obra Freud falando de si mesmo é bastante direto a propósito deste assunto. Diz ele: "Depois de 41 anos de atividade médica, meu autoconhecimento me diz que nunca fui realmente um médico no sentido próprio. Tornei-me médico ao ser compelido a me desviar de meu propósito original; e o triunfo de minha vida consiste em eu ter, depois de uma longa e tortuosa jornada, encontrado o caminho de volta para minha trajetória inicial. Não tenho conhecimento de ter tido em meus primeiros anos qualquer anseio de ajudar a humanidade sofredora. Minha disposição sádica inata não era muito forte, de modo que não tive necessidade de desenvolver seus derivativos. Nunca também 'brinquei de médico'; minha curiosidade infantil evidentemente escolheu outros caminhos. Em minha juventude, sentia uma intensa necessidade de compreender alguma coisa dos enigmas do mundo em que vivemos e talvez até mesmo contribuir com algo para sua solução. O meio mais auspicioso de alcançar essa finalidade pareceu-me ser matricular-me na faculdade de medicina; mas mesmo então experimentei - sem sucesso - a zoologia e a química, até que por fim, sob a influência de Brücke, a grande autoridade que me influenciou mais do que qualquer outra em toda minha vida, voltei-me para a fisiologia, embora nessa época ela estivesse de forma muito estreita restrita à histologia. Nessa época, eu já tinha feito todos os meus exames para a carreira médica; mas só passei a ter interesse por alguma coisa relacionada com a medicina quando o professor que eu respeitava tão profundamente me advertiu que, em vista de minhas circunstâncias materiais restritas, eu possivelmente não poderia assumir uma carreira teórica. Assim, passei da histologia do sistema nervoso para a neuropatologia e depois, incitado por novas influências, comecei a me dedicar às neuroses. Contudo, não acredito que minha falta de genuíno temperamento médico tenha prejudicado muito meus pacientes. Pois não constitui grande vantagem para os pacientes se o interesse terapêutico de seu médico tem uma ênfase emocional muito acentuada. Eles são mais ajudados se ele desempenha sua função friamente e, na medida do possível, com precisão." (JONES, 1989, v.1, p.41/42).

**Segundo
Momento**

1º) Observador sagaz, ou seja, um pesquisador⁴² transvertido de médico, Freud se deparou com fenômenos que, até então, ele desconhecia. Por exemplo: os sintomas histéricos;

2º) A partir desta constatação, penso que ele só tinha uma opção: *pesquisar*, ou seja, na melhor das hipóteses optar por uma *clínica armada*.

3º) Será que poderíamos afirmar, mesmo de uma forma um tanto quanto arriscada/forçada, que o *clínico*, em Freud, seria a manifestação – um efeito secundário – do *pesquisador*?

Conclusão: A psicanálise nasceu a partir do *encontro de tensões*: de um lado a urgência a partir de *clínica*; do outro todo um meio circundante em que o investimento na *ciência* passava por transformações radicais; (fim do século dezenove/início do século vinte)

42. Em 1924 Freud escreve a Abraham: “È exigir muito termos da unidade da personalidade tentar fazer com que eu me identifique com o autor do artigo sobre os gânglios espinhais do petromyzon. No entanto, eu devo ser ele e eu penso que eu fiquei mais feliz com esta descoberta do que com outras que eu tenha feito depois.” (SACKS, 1998, p. 221, grifo meu)

Como médico Freud, tinha diante de si uma série de manifestações clínicas que ele não conseguia, no início, entender. O que fez ele? Como ele procedeu para esclarecer o que conhecemos, hoje como uma *investigação científica*, retornando a pergunta há pouco feita? Ora, se como médico ele tinha a missão de *curar*, segundo o juramento de Hipócrates, ao passo que, como pesquisador ele tinha como objetivo *investigar/descobrir* de acordo com os critérios da ciência. Numa equação que reuniu *cura* e *investigação*, ele pode concluir, apesar da resistência de muitos, que o tratamento das histéricas, naquela época, eram ineficazes ou inócuos. Neste momento ocorreu um fenômeno, que chamaria mágico: Freud se tornou o único e solidário protagonista de uma história – única na ciência. Ele se fusionou, transformando-se a um só tempo no *clínico* (analista) e no *pesquisador*, criando um novo personagem, até então inexistente: a figura do *psicanalista*.

A partir deste momento progressivamente ele criou paradigmas que sustentassem, simultaneamente, a *cura* e a *pesquisa*, em outras palavras: o *controle de variáveis* para o *pesquisador* e a *asepsia para o clínico*, isto é, o psicanalista que foram unidas nas condutas que iremos examinar a seguir.

Primeiro ele estabeleceu a *regra fundamental*, propondo que os pacientes falassem sem pensar – *associação livre*. Ou seja, que evitassem exercer qualquer tipo de controle sobre o seu discurso, mesmo que, eventualmente, surgissem questões desagradáveis. Freud *escuta... e observa*. *Abstinência*, ela permite ao paciente não ficar sujeito à interferência por parte do analista que, na qualidade de pesquisador/observador participante, está condicionado, através da sua análise pessoal, a se intrometer, o mínimo possível no processo. Ou seja, ele o analista, deixa a mente vagar – *atenção flutuante*. Ao mesmo tempo, permanece *neutro* com relação ao discurso do paciente – não fazendo nenhum juízo de valor. O que chama atenção em Freud é o fato dele *aliar*, de forma genial, o *rigor do pesquisador* ao *frescor do clínico* (analista) sensível ao sofrimento/conflito humano.

Em Freud ocorre um feliz *encontro/fusão* entre o *conhecimento universal* – a ciência (*episteme*) com o *conhecimento prático* – *saber-fazer* (*téchne*)⁴³. No entanto, o que diferencia Freud dos outros pesquisadores/cientistas é o fato que o objeto desse encontro não foi uma estrutura visível/palpável – por exemplo: o corpo – mas algo imponderável, jamais antes objeto de pesquisa/estudo/controlado – a subjetividade humana – com todas as suas implicações/divisões.

Há uma outra questão, rarissimamente considerada, quando se fala da cientificidade da psicanálise. Trata-se da figura do analista. Preocupado com o fato de que o psicanalista, com os seus conflitos pudessem interferir no processo analítico, Freud tomou uma decisão que considero, a um só tempo original e profundamente radical: pela primeira vez, na história da ciência ou da medicina, o pesquisador/analista é também igualmente objeto de *pesquisa/tratamento*. A análise didática ou a análise do analista colocou o *analista/pesquisador* no mesmo nível *pesquisador/paciente*. Para bem escutar é preciso antes ser *objeto de escuta*. Não se espera nunca, obviamente, que um fisiologista ou um psicólogo experimental seja *dissecado* ou colocado na câmara de observação na tentativa de melhor prepara-lo(s) para a tarefa. No entanto, todo analista – Freud insistia neste ponto – deve ser antes de tudo objeto de pesquisa/tratamento... Conclusão: se o objeto de pesquisa é o próprio analista/sujeito espera-se que ele esteja adequadamente “aferido”⁴⁴ como

43. Este *saber-fazer* (*téchne*) levou Dunley ao seguinte comentário, que merece uma apurada reflexão por parte de todos nós, analistas: “Este componente catártico da *téchne* trágica remete à fiel leitura de Aristóteles realizada por Freud, que resultou não somente na técnica psicanalítica da catarse (frequentemente mal compreendida e utilizada, pois foi desviada da sua fonte aristotética, passando a ser compreendida platonicamente como eliminação ou purgação dos afetos), quando a sua excepcional e revolucionária contribuição para a teoria da representação, quando ele articula à clássica *Vorstellung* (representação) o quantum de afeto – o *Affek* – (a matéria do *pathos*), que dá intensidade, brilho ou valor psíquico a uma representação (aqui, nos dois sentidos), e por que não, tragicidade. A teoria das neuroses e das psicoses será tributária desta conjunção e disjunção da representação. Cabe ao analista, reconhecendo a técnica trágica da psicanálise, purificar o *pathos* através de sua técnica interpretativa, e de religa-lo a um saber trágico inconsciente, tornando-o consciente, através de sua técnica de construção.” (DUNLEY, 2005, p. 91/92 *pe de página*).

44. Penso que o leitor está ciente que esta questão que envolve a análise do analista é infinitamente mais complexa do que está retratada aqui. Neste trecho, eu apenas ilustro o que imagino ser o sentido que Freud pretendeu dar a formação do analista pensando, talvez, na formação do pesquisador.

por exemplo: um aparelho de pressão... Por outro lado, é preciso considerar que não se trata de uma simples apreensão fenomenológica. Neste sentido há uma passagem que nenhum pesquisador/analista, ético/digno deste nome pode esquecer, como enfatiza Plastino:

Entende-se aqui por mistério aquilo que resiste à apreensão pela razão conceitual. A noção de "mistério" foi eliminada pela transformação da physis em física, o que posteriormente permitiu, atribuindo ao mundo físico uma organização lógico-racional, postular a possibilidade de seu total aprisionamento pela razão conceitual. Physis, todavia, tem sua raiz no sânscrito, significando phy, "o que jorra". Mistério — escreveu Einstein — é a coisa mais bonita que nós podemos experimentar. "É a fonte de toda arte verdadeira e de toda ciência verdadeira. A pessoa para quem essa emoção é estranha, que já não pode parar para se perguntar e levantar-se em êxtase, está como morta: seus olhos estão fechados".

(BEZERRA, 2001, p.50, apud Lenoble 1990:37)

Talvez, neste momento, numa espécie de contraponto, tivesse maior valor heurístico encerrar este item não com uma proposta conclusiva, mas com uma interrogação, no mínimo, inquietante: A consciência deve ser considerada a única forma que conhecemos de apreensão do real⁴⁵.

45. "[...] outras formas de apreensão do real e de suas modalidades de sr, através de processos nos quais intervêm nosso inconsciente e nosso corpo, e cuja complexidade é inseparável da complexidade do real e de nós mesmos." (BEZERRA jr, 2001, p.43.)

3 – O pensamento trágico em psicanálise

Olhem, é Édipo! Aquele que resolveu intrincados enigmas e exerceu o mais alto poder; aquele cuja felicidade invejavam todos os cidadãos, vejam-no desaparecer nas ondas cruéis do destino fatal.

Estas palavras ferem nosso orgulho de adultos que nos leva a pensar que estamos longe de nossa infância e muito avançados no caminho da sabedoria e do domínio espiritual. Como Édipo, vivemos na ignorância dos desejos que a natureza nos impôs e ao descobri-los gostaríamos de afastar de nossa vista as cenas de nossa infância. (FREUD, 1900, p.502)⁴⁶

O que me autoriza a pensar que a psicanálise se alinha também para além do *pensamento científico*, ou seja, possa a ser vista como um *pensamento trágico*? Freud pode *ser* ou *deve* ser considerado um *pensador trágico*? Glaucia Dunley⁴⁷ defende a tese que já em 1904 houve uma tomada de consciência por parte de Freud do pensamento trágico. Em um texto tardio de 1936... “*Um Distúrbio de Memória na Acrópole*”⁴⁸, Freud relata este acontecimento ocorrido trinta e dois anos antes. É possível segundo a autora, constatar já ali um longo processo de *desrealização* do saber científico, até então profundamente caro a Freud. A partir daí, segundo a autora, o *trágico* entra em cena ou pelo menos é reconhecido.

A ficar com alguns leitores de Freud, *como no caso de Dunley*, na tentativa de se descobrir até onde à *psicanálise* é uma ciência ou não, ou, até onde se constitui um *saber trágico*, a melhor conduta, penso, é retornar ao encontro dos escritos freudianos.

A inscrição da psicanálise no pensamento trágico se dá na carta 64 de 31 de Maio de 1897 – Rascunho nº2 Notas III, onde Freud coloca pela primeira vez Édipo no circuito: “Parece que esse desejo da morte, no filho, está voltado contra o pai e, na filha, contra a mãe”.(FREUD,1974, v.1.p.345). No mesmo sentido, a carta 71 de 15 de outubro de 1897 a presença de Édipo no texto freudiano se torna mais explícita:

46. apud DUNLEY, 2001, p.58.

47. DUNLEY, Gláucia. *O silêncio da acrópole: Freud e o trágico: uma ficção psicanalítica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

48. Vide – FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. p. 293. v.22.

[...] a lenda grega apreende uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi um dia, em ponto menor ou em fantasia, exatamente um Édipo e cada pessoa retrocede horrorizada diante da realização de um sonho, aqui transporta para a realidade, com toda a carga de repressão que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1974, v.1. p. 358/359).

Por outro lado a presença do pensamento trágico na psicanálise traz a tona algumas questões que merecem se examinadas em detalhe. Para introduzir de forma adequada este tema ninguém melhor que Gláucia Dunley que declara:

Não pretendo dizer que Édipo e Freud sejam protagonistas de um teatro trágico do inconsciente. Este lugar será ocupado, segundo um Freud fiel a Sófocles e à psicanálise, pelo Destino⁴⁹: ‘Édipo-Rei é uma tragédia cujo fator principal é o Destino. Seu efeito trágico repousa na oposição entre a poderosa vontade dos deuses e a vã resistência do homem ameaçado pelo sofrimento.’ Essa interpretação é compartilhada por Vernant quando diz que a linguagem de Édipo-Rei é o lugar onde se afrontam se enlaçam na mesma fala dois discursos diferentes: *um discurso humano e um discurso divino*. (DUNLEY, 2001, p.60. Grifo meu).

Uma interrogação que nos conduz a uma nova forma de abordar o mesmo assunto:

— Como o trágico se inscreveu ou foi inscrito na/pela psicanálise? Afinal, qual foi o projeto básico de Freud? Ou ainda: — o que, na realidade, ele descobriu?

Em 1932 no texto “A dissecação da personalidade psíquica”⁵⁰ Freud diz, aproximadamente o seguinte: a moralidade que, até então, teria sido dada pelos deuses, na verdade, se origina em nós mesmos.

49. Assim Dunley define o *destino* em Freud: “O destino na obra freudiana pode tomar várias faces, entre elas: a poderosa vontade dos deuses, Natureza indomável, força pulsional articulada à compulsão de repetição (“destino fatal”), retorno ao inanimado; já o desejo será representante de vida compreendida na sua relação com o destino, a resultante de um jogo de forças entre Eros e Tanatos.” (DUNLEY, 2001, p. 127 – nota de rodapé).

50. FREUD, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.22. p. 79. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.

Esta simples afirmação responde aos questionamentos feitos acima, no parágrafo anterior. Outras respostas, diriam que Freud implicou o homem na sua história. Sabemos que as maiores resistências à psicanálise exatamente deste ponto: o homem foi obrigado ou se obrigou a assumir que é dono e responsável pela sua própria história e não o Outro. E fez mais quando, implicitamente, declara: — você tem uma história. Foi dito que você é dono e responsável por ela; mas, ao mesmo tempo não tem controle, que até então imaginava ter, sobre aquilo que criou; quem mais fala por você não é você, mas o seu *inconsciente*... Ou ainda, a produção humana venha de onde vier, parta de onde partir é sempre algo novo. Ou seja, próprio. Numa palavra: nós produzimos tudo isto que está por aí. Freud declarou em 1900: “[...] o imperativo categórico de Kant é um companheiro que nos segue tão de perto em nossos calcanhares que não nos podemos ver livres dele nem quando adormecidos...” (Edição Eletrônica - *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.4); Em 1923: “Tal como a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego”.(Edição Eletrônica - *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v.19. publicado em 1924.); Todos estes fatos nos permite concluir que ele rompe com que havia, até então, de transcendente. A divindade se esvai. O homem fica de luto. Agora reina o *imperativo categórico* - o superego. A divindade torna-se cada vez mais, indiferente ao homem - é *dessacralizada*. O *sujeito freudiano* se posiciona entre o *imperativo categórico de pulsão* e o *imperativo categórico*, agora, como foi dito, representado pelo *superego*. Para Dunley tudo se passa como se:

[...] aquilo que funda a moral kantiana, o agir por amor à lei, vem em substituição ao agir por amor a Deus (teofania estruturalmente implícita?), em um tempo em que o homem moderno está de luto pela retirada categórica dos deuses, segundo a referência que Hölderlin dá tempo puro e vazio de Kant, seu contemporâneo. (DUNLEY, 2001, p. 151).

Enfim, implicado consigo mesmo, cômico dos seus limites, só, o *homem freudiano* torna-se *trágico*...

4 - A psicanálise enquanto teoria e clínica: o cruzamento do científico com o trágico

[...] outras formas de apreensão do real e de suas modalidades de ser, através de processos nos quais intervêm nosso inconsciente e nosso corpo, e cuja complexidade é inseparável da complexidade do real e de nós mesmos.

(BEZERRA, 2001, p.43)

Minha tese é que Freud se instrumentou na segunda metade do século dezenove e ao alvorecer do século vinte. A partir daí, até o final dos anos trinta, aproximadamente cinqüenta anos, criou e consolidou uma *escuta do sujeito* e fez uma espécie de *ausculta de cultura*, usando para isto dois instrumentos: a *ciência moderna* – herança do *cogito* e a concepção trágica do sujeito-herança grega.

No meu entender Freud foi o único capaz de fazer uma articulação entre a modernidade, com toda a sua parafernália cartesiana, com essa mesma modernidade/contemporaneidade naquilo que ela tem de mais trágica. Dunley é enfática a propósito desta questão. Para ela: “Freud pode ser considerado um pensador trágico da cultura, constituindo por meio de seu pensamento um elo entre a modernidade e as origens gregas da cultura ocidental”.(DUNLEY, 2005, p. 51).

Uma interrogação: De que modernidade/contemporaneidade estamos falando? Ninguém melhor do que Slavoj Zizek para responder esta questão de forma tão sucinta:

[..] oposição de Nietzsche entre niilismo ativo e passivo – ou seja, que é melhor querer ativamente o próprio nada do que não querer coisa alguma – reflete, curiosamente, a condição moderna. Em contraste com o fundamentalismo percebido no Outro fanático, o que vemos hoje é a imagem hegemônica do sujeito liberal que, como o Último Homem nietzschiano, interessa-se apenas pela busca dos prazeres particulares e dos ideais privados de felicidade: uma postura de pura sobrevivência, sem nenhum senso de missão ou compromisso históricos. (ZIZEK, 2006, p. 130)

Parto do princípio, para mim incontestável, que *somente a psicanálise*, por ser a um só tempo – *episteme e téchne* – seja capaz de uma escuta do sujeito, da forma mais *intensa, comprometida e isenta* possível, em sua condição complexa e incerta.

Dentro desta linha de raciocínio dois filósofos/pensadores – o primeiro uma dezena de anos antes de Freud, um outro seu contemporâneo, falaram, cada um a seu modo, da psicanálise. O primeiro Friedrich Hölderlin foi Freudiano *Avant la lettre* quando diz:

[...] Haveremos de ter uma nova mitologia, mas essa mitologia terá de estar a serviço das idéias, terá de ser uma mitologia da razão.

Enquanto não transformarmos, para nós, as idéias em idéias estéticas, ou seja, em idéias mitológicas, elas não têm interesse para o povo, e vice-versa.

[...] a mitologia terá de tornar-se filosófica, a fim de tornar o povo racional e a filosofia terá de tornar-se mitológica, a fim de tornar os filósofos sensíveis. Então reinará eterna união entre nós.

(HÖLDERLIN, F. “Escritos filosóficos” VI Esboço. In: ROSENFELD, K. H. (org). *Filosofia e literatura: o trágico*. 2001 p. 174).

O *segundo*, Arnold Zweig, numa carta dirigida a Freud em 11/12/1932 assim se expressa: “No Sr., o logos do Ocidente fusionou-se com a antiga corrente do saber do Oriente para formar esta unidade que criou a psicanálise e assim iniciar a lenta despetrificação da humanidade.”⁵¹ (DUNLEY, 2005, p. 183).

Diante do exposto, nos itens anteriores, seja por parte de Freud, quando propõe fazer da psicanálise um saber científico e que acabou por inseri-la também no pensamento trágico; seja por parte de seus sucessores que a incluíram também no campo da ciência ou então, unicamente, no território da ética. Ou ainda, graças a premonição Hölderlin, a articulação de Zweig e as minhas próprias reflexões, a conclusão me parece clara: a psicanálise teria uma *tripla inscrição*⁵²:

51. FREUD, S. e ZWEIG, A. Correspondance – 1927/1939.

52. DUNLEY, Gláucia. *A festa tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional*. São Paulo: Escuta, 2005. p. 52. Para esta autora haveria apenas duas inscrições.

Primeira: Sua filiação de acordo com os parâmetros da ciência moderna – fruto muito valioso do pensamento metafísico ocidental;

Segunda: Sua indiscutível ligação com o pensamento trágico – herança grega;

Terceira: Finalmente, a psicanálise, sob um certo modo de ver, inscreveu-se ou foi inscrita⁵³:

- Num primeiro momento (de forma explícita) no *pensamento científico*;
- Num segundo momento (ainda de forma explícita) no *pensamento trágico*;
- Durante todo o tempo (de forma sub-reptícia) tanto no *pensamento científico quanto no trágico*.

Por outro lado, tanto nas leituras do texto freudiano, quanto no exame da produção dos pós-freudianos se destaca um ponto muito claro: ora se diz que a psicanálise é uma modalidade do *discurso científico*, ora é um mero *discurso trágico*.

Entretanto, um grande número de analistas ou intelectuais, pesquisadores, pertencentes a áreas afins a psicanálise, insistem em privilegiar alguns pontos da terceira parte da definição de psicanálise, ou seja, as *concepções psicológicas* como uma das teorias do sujeito em detrimento da clínica – ou seja, do *tratamento dos conflitos emocionais*. Esta visão parcial escamoteia um ponto fundamental: para mim sem a escuta... Ou, em outras palavras, *sem clínica não há psicanálise* da mesma forma que *sem pesquisa não há ciência*... O divã continua sendo e sempre será o laboratório exclusivo da psicanálise e, além da metapsicologia, é o instrumento privilegiado do analista...

53. Eu diria que esta divisão em *momento* ou *tempo* jamais obedeceu a uma ordem cronológica. É provável que tudo tenha acontecido de forma simultânea e está referida divisão é apenas didática.

Desta forma, através de uma *episteme* e de uma *téchne*, ambas, a um só tempo, *instrumental e crítico*, Freud criou e manteve sob o nome de *psicanálise*, além de uma densa e complexa teorização, uma estrutura - o *dispositivo analítico* - onde hoje todos os analistas continuam podendo manter:

- Um sujeito voluntariamente isolado - que tal como numa *angioplastia* é convidado a ficar imobilizado, porém consciente. Neste último caso, o paciente pode, através de um monitor, acompanhar todo o procedimento a ser feito em suas coronárias. No primeiro caso, isto é, durante o processo analítico, através da *transferência/contratransferência/desejo do analista, o analisante/paciente* pode, da mesma forma acompanhar todo o seu processo já que o analista pode ser, *avant la lettre*, comparado a um monitor⁵⁴, refletindo, quando for o caso, a cada passo, através da interpretação ou mesmo do silêncio, a vivência do paciente, especialmente, através do seu discurso que, progressivamente, se transforma num:

- Método de investigação dos processos mentais;
- Método de tratamento dos conflitos emocionais;
- Estudo contínuo das concepções psicológicas com o objetivo de constituir uma teoria do sujeito.

Concluindo de forma *poética/metafórica* comparo, no processo analítico, o sujeito a um rio caudaloso, o seu leito, ao enquadramento e suas águas, a subjetividade. O sussurrar das águas é o discurso do sujeito. As suas margens o analista e seu silêncio...

54. Admito que toda comparação é sempre odiosa e falha, mas...

V - Conclusão:

Para terminar penso que toda a tentativa de reduzir a psicanálise a uma simples *técnica* ou um conjunto de *teorias psicológicas* (?), *filosóficas* (?), *antropológicas* (?) ou mesmo *literárias* (?) trai a intuição genial de seu fundador. Penso ainda, que todo ritual que sustenta a escuta analítica, ou seja, a *teoria da clínica* com todas as suas nuances e vicissitudes, está alicerçado por um lado na ciência moderna, por outro se encontra preso à tradição trágica ocidental, herdada dos gregos. Quando se pensa em ciência ou em psicanálise como ciência há uma passagem, dentre muitas outras, encontradas no texto “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”: “O médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado.”⁵⁵(FREUD, ed. 1969,v.12, p. 157). Este pequeno trecho me faz pensar na *performance* de um observador imparcial, preocupado com o controle das variáveis. Seguindo esta linha de raciocínio o *analista ocupa o lugar de um cientista*, na melhor tradição do final do século dezanove e início do século vinte, porém hoje mais do que nunca, atento aos achados da *mecânica/física quântica*; já a visão trágica conduz o *analista*, que responde pela direção do tratamento, na cura não da alma, mas de uma *cura* que parte da alma⁵⁶. Assim Freud soube trazer para o mesmo espaço, criado por ele - o dispositivo analítico⁵⁷ -, a *ciência moderna* e a *condição humana* naquilo que ela tem de mais trágica...

55. No meu entender é neste ponto que a psicanálise se distingue de todas as formas de psicoterapia. Enquanto nestas últimas, há uma promessa no sentido do sujeito alcançar uma “*santa paz interior*”, na psicanálise, ao contrário, ele vai ao encontro do seu próprio *desejo* onde se coloca frente a frente com a própria falta ou seja com os seus *limites*.

56. GIROLA, Roberto. *A psicanálise cura?: Uma introdução à teoria psicanalítica*. p. 67.

57. BLEGER, José. *Simbiose e ambigüidade*. p. 23.

Sabendo que todo texto é sempre inconcluso, mas consciente que encerrar é preciso, penso que Freud foi capaz de, simultaneamente, realizar duas proezas:

Primeira: Criar um *enquadramento* que possibilitou uma *observação/escuta do sujeito*, seu *tratamento*, enquanto *ser-no-mundo*⁵⁸, portanto, profundamente implicado nas complexas relações que o envolve;

Segunda: Escutar fascinado, implicar-se, contemplando profundamente sensibilizado, interrogando a si mesmo e ao Outro, mergulhados, ambos, num trágico desamparo, tal como Michelângelo, igualmente trágico e fascinado, séculos antes, diante da estátua de Moisés, esculpida por ele, quando exclamou, em êxtase: “ – Fala! Fala!...!”.⁵⁹

58. A questão da técnica em Spenger e Hiddeger – in Rubem Mendes de Oliveira.

59. <http://pt.wikipedia.org/wiki/maoisãsdemichelangelo>

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: obra completa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, 1967. 1068 p.

BEVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2000. 394p.

BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência: sobre a psicanálise, a modernidade e a arte*. São Paulo: Ed. 34, 1996. 220 p.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. PLASTINO, Carlos Alberto (Orgs.). *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001. 377 p.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita: A palavra plural*. Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001. v.1. 142p.

BRUNO, Mário. *Lacan e Deleuze: o trágico em duas faces do além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 227p.

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 539 p. v.1

CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução Vera da Costa e Silva, et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. 996 p.

LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 607p.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 937 p.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 132p. (Coleção Conexões).

DUNLEY, Gláucia. *A festa tecnológica: o trágico e a crítica da cultura informacional*. São Paulo: Escuta, 2005.

DUNLEY, Gláucia. *O silêncio da Acrópole: Freud e o trágico; uma ficção psicanalítica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fiocruz, 2001. 157p.

FEITOSA, Charles. *Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V*, 2006. 118/119.

FRANÇA, Maria Inês. (org.). *Ética, psicanálise e sua transmissão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 238p.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.1. 554p. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.22. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Brito e Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.14. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.20. Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v.19. O ego e o id e outros trabalhos.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v.21. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos.

GIROLA, Roberto. *A psicanálise cura?: Uma introdução à teoria psicanalítica*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004. 189p.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura e outros textos filosóficos*. São Paulo, 1974. 397 p. (Os Pensadores, 25).

KÖCHE, José Carlos. *Pesquisa científica: critérios epistemológicos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. Resenha.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. *Vocabulário da psicanálise*. Santos (SP): Martins Fontes, 1970. 705 p.

NEVES, João Francisco. *Psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade*. Segunda Jornada: Pós-modernidade: família, casal e suas vicissitudes. 30 de Outubro de 2004.

NEVES, João Francisco. *Que é ser psicanalista no século XXI – carta de (in)ten(s)/(ç)ões*.

NIETZSCHE. *A gaia ciência: aforismo*. p.125

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr (org.). *Filosofia e literatura: o trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 174 p. (Filosofia política. Série III, nº 1).

ROSSET, Clément. *Lógica pior*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989. 198 p.

ROSSET, Clément. *Alegria: a força maior*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 102p. (Conexões)

ROSSET, Clément. *O princípio de crueldade*. Prefácio e Tradução José Thomaz Brum. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2002. 77 p.

SILVA, Antônio Franco Ribeiro da. *O desejo de Freud*. São Paulo: Iluminuras, 1994. 165 p. (Leituras Psicanalíticas).

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001. 363p.

SACKS, O. The other road: Freud as neurologias. In M. S. Roth. *Freud, conflict and culture: essays on his life, work and legacy*. Washington, DC: Library of Congress.

SÓFOCLES. *Édipo rei*. Petrópolis: Vozes, 1974. 76 p. (Diálogo da Ribalta, 29)

ZIZEK, Slavoj. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006.

- Posfácio -

Um simples exame do texto que acabamos de ler nos permite concluir que o tema não pôde ser explorado em toda a sua extensão e profundidade, seja por falta de espaço, seja pela exigüidade do tempo, ou ainda porque não eram esses meus objetivos.

Quero, mais uma vez, tornar claro que, defendendo, há anos, a tese que todo analista se liberte o quanto antes da identificação com a figura *oracular* de Freud e se identifique com a palavra do analista Freud. Em um outro lugar descrevo a relação dos analistas com Freud e seus textos. Eu digo então que:

[...] a questão da **teoria/criação/clínica** em psicanálise e de cada analista, aqui e agora, com Freud e para além de Freud, especialmente do seu **bom/mau olhar**, e de todos os analistas que o sucederam e que ainda irão sucedê-lo, está numa **procura...** perene... que se materializa,

num primeiro momento,
numa profusão de textos e citações
sobre/de Freud... numa práxis... identificação com o
objeto amado... porém **definitivamente perdido...**; e
num segundo momento,
numa produção a partir dos **restos não-analisados de cada um...** lugar da criação... **das (re)construções...** um espaço em que se procura **pensar o pensamento de Freud**, para além do próprio Freud, porém... sempre preso a um **furo...** um **vazio aspirante...** uma **força que atrai os significantes...** uma busca que os anima e dá consistência à cadeia... **objeto a.. lugar de uma não-resposta... lugar da criação...**

(NEVES, 1994, nº 12, p. 54)

Neste sentido toda a produção científica é um ato que implica *o encontro do real com a subjetividade do sujeito* e suas vicissitudes, num *vir-a-ser* perene.

Dentro desta ótica, este texto foi escrito especialmente para o Phorus - Instituto de Psicanálise. Por se tratar de um ensaio dirigido a um

público específico e com um objetivo de ser, antes de mais nada, um veículo de *ensaio* no sentido de trazer para a discussão o *pensamento do fora e de aprendizagem*, no sentido usual do termo, ele guarda algumas características bem específicas:

- 1º - Embora os seus objetivos sejam bastante claros procurei abordá-lo, com uma abrangência muito grande, na tentativa de mostrar a importância, a extensão e a complexidade do texto;
- 2º - Muitas citações e conseqüentemente uma grande quantidade de referências bibliográficas com o objetivo, sobretudo, de informar ao leitor, mostrando como os textos se comunicam entre si numa espécie de um "*diálogo interminável*";
- 3º - Interessado em situar o *estatuto epistêmico da teoria e da clínica psicanalítica*, fiz uma espécie de conexão da *tragicidade com o pós-moderno* e por extensão com o *pensamento psicanalítico*, tendo como objetivo principal enfocar a psicanálise na sua interface com o *trágico* e o *logos*. Neste sentido, embora não tenha se quer citado, fica clara a minha intenção quando estabeleci os objetivos do ensaio: trata-se de uma tentativa de, ao invés de denunciar uma cisão entre o *sujeito do conhecimento (logos)* e o *sujeito do desejo (mythos)*, procurei articula-los numa *concepção epistemológica*, tendo, como disse, a psicanálise como escopo.
- 4º - Especialmente, no que diz respeito, a cada um dos objetivos deste ensaio é necessário sublinhar:
 - No que se refere ao *trágico* é fundamental ampliar o seu conceito, sobretudo com novas pesquisas e reflexões, em especial, no que se trata da sua presença na *pós-modernidade*. Penso em explorar o impacto provocando pelo encontro do

trágico com as tecnologias cada vez mais presentes no mundo atual.

- Já com relação à *cientificidade da psicanálise*, há necessidade de pesquisar e, muito, as suas conseqüências para o futuro do pensamento psicanalítico. O que fazer quando o *Eu* da enunciação cede lugar ao *Se* [Eu] do enunciado¹? Sabe-se, hoje, como nunca, que a ciência acaba por tentar, a todo momento, *suprimir* o discurso do sujeito. Como lidar, o que significa e o que fazer com o *anti-cientismo e, ou, anti-intelectualismo* presentes, nos dias atuais, no *discurso* e nos textos psicanalíticos?

- Quanto ao *trágico na psicanálise*, novas questões, necessariamente, deverão ser examinadas, sobretudo se pensarmos nas implicações de um *pensamento único*. Penso da importância de *articular* o trágico com o *imaginário* a partir do *enquadramento psicanalítico*.

- Por fim, com relação o *intercurso da psicanálise com a científicidade e o trágico*, considero estes questionamentos de um valor heurístico fundamental para o futuro da *nossa ciência*². — um estudo sistemático através de uma apreciação crítica de todo processo que envolve a concepção do trágico, tendo como contraponto a história da psicanálise e suas vicissitudes, especialmente, a propósito do seu envolvimento com a ciência.

1. Beinvidas p.9.

2. A expressão *nossa ciência* sempre foi muito cara a Freud quando se referia a psicanálise.

Há, ainda, duas questões, permeando, de forma subliminar, todo o ensaio, que tratei antes e pretendo, novamente, enfocar como uma espécie de lembrança e advertência:

1º - “[...] *cada analista constrói seus modelos teóricos e clínicos...*” (GRIPHOS, nº13, p.36).

Interrogar a teoria e a prática torna-se, então, a única saída possível para não se cair num impasse teórico-metodológico...

Por outro lado, poder-se-ia entrever que a psicanálise que cada analista conhece e pratica está enfeixada de forma triangular, como um cinto de três pontas: numa, a teoria; na outra, a técnica; e, numa terceira, afivelando as outras duas, a chamada grade de inteligibilidade. (GRIPHOS, nº 13, p.34/35).

2º - Se a psicanálise é marcada pela condição humana – obviamente, o analista se inclui em tal condição -, toda a sua produção traz o sinete da incompletude... Criada como uma saída (im)possível para que o homem, contido por um **espaço virtual e ilusório**, pudesse se interrogar por meio de um **discurso dirigido a um Outro...** a psicanálise, enquanto **teoria e processo**, foi e será sempre capturada pelo seu estatuto fundador – a marca do homem: **euforia/ilusão - mal-estar/desilusão...** Cabe aos analistas de hoje, como coube aos do passado e, certamente, caberá aos do futuro, pela **análise pessoal** e por **reflexões teóricas-clínicas**, uma tarefa sempre recorrente: uma incessante **psicanálise da psicanálise....** também em extensão... Dessa forma, embora seja uma **produção humana**, ela estará sempre a refundir-se... como fênix que renasce, a cada vez, das próprias cinzas...(GRIPHOS, nº 14,p.77).

Sendo assim, a partir destas constatações, para mim óbvias, parto do princípio que todo analista é duplamente marcado:

Primeiro: Pela sua história passada/presente/íntima;

Segundo: Pelo *sócius* que ele está inserido.

Ou seja: A psicanálise, apesar de ser *reinventada/recriada a cada sessão*, quer queiramos, quer não, está sempre presa a uma estrutura – *assujeitada a uma ideologia que a compõem e ao mesmo tempo a limita...* Em síntese, há a partir daí, dois fatores a considerar e a interrogar³:

- Qual a verdadeira natureza do pensamento psicanalítico?
- O que no funcionamento de cada analista *permite e sustenta* o desenvolvimento da psicanálise?

Concluindo, estou consciente que este ensaio, sendo uma preocupação muito particular representaria, mais do que nunca, minhas inquietações vividas neste momento. Assim, é possível que nem todos os leitores se sintam atraídos por ele porque estaria fora de sua atual área de interesse.

3. GRIPHOS: Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. p.52. (nº 12, Set/1994).

Referências Bibliográficas

BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. São Paulo: Humanista/ FFLCH/ USP, 2000. 394p.

GRIPHOS: Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. (nº 12, Set/1994).

GRIPHOS: Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. (nº 13, Set/1995).

GRIPHOS: Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. (nº 14, Ago/1996).